

Modelos: Usos da Crítica da Forma em Psicanálise

Nosso olhar-no-mundo *abstrai*, pelos olhos, *sensação* e, imediatamente, pela mente, *intelecto*, que separa o semelhante do que não o é. Duas retas paralelas, como trilhos, encontram-se pelos olhos, mas não pela mente. Este evento é ou se dá através do processo do *pensamento* em que se definem quais os elementos de uma totalidade e que relações definem o que é uma totalidade. Definem-se então sistemas de relações, regras, que não podem subsistir isoladamente e que podem ser recombinações, quer quanto às *relações entre os elementos*, quer quanto ao que são os *elementos* mesmos. Este processo é muito visível no desenvolvimento e no crescimento pessoais e a evolução histórica da ciência também evidencia estas alterações. Esta operação produz *idéias, conceitos, representações* (re-apresentação) que são modos como a mente *presentifica* a *imagem, idéia* ou *conceito* de um *objeto* apreendido – abstraído – pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou concebido pelo pensamento. Chamamos de *introjeção, incorporação e identificação* a nuances deste processo de modelização, em que o objeto é apreendido pela mente, primárias ou não, projetivas ou adesivas, com objetos internos ou externos para explicar um conjunto de fenômenos modelizados a partir da observação de objetos subjetivos que se dão quando da experiência de *self*, sistemas autoregulatórios, consciência de si, do outro, do grupo e do cultural. Inúmeros conceitos ocupam-se disto, sendo o mais relevante o de *zona de desenvolvimento proximal*.

Como para o caso, o *simples*, quiçá, é feito conforme regras do *complexo*, é conveniente chamar de modelo a esta apreensão-no-mundo que pretende, sobretudo, a representação do crescimento e do desenvolvimento, como acontece com o que é vivo, de modo a explicar as propriedades destes sistemas. Eles podem variar em grau de complexidade. Serem simples como uma *palavra*, que aprisiona relações entre objetos e ela mesma, que está presa a redes semânticas. Ou muito complexos, como a hipótese de que a mente é mítica e, conforme sua testabilidade e refutabilidade, pode-se mudar o nome para *Teoria Científica*. Caso encontremos um mito que não seja rastreável a sentimentos e circunstâncias de nosso estar-no-mundo, então o modelo terá sido refutado. Enquanto procuramos, como temos uma pergunta pertinente para responder, podemos chamar este modelo de *conjectura científica*, à espera de sua *refutação*.

Estes conhecimentos são *modos criativos* da consciência. Não são cópias de uma realidade independente de nós, impressões não contaminadas dos objetos-no-mundo, mas a *criação* de objetos científicos que só agora se tornam visíveis, sempre integrados em totalidades, geradas por generalizações, segundo leis prévias de nosso pensamento que é predominantemente verbal. A linguagem, por sua vez, na medida em que a geramos, enlaça-nos e impõe-nos a história-do-mundo para a qual estamos cegos, cegueira que é nossa forma, que nos enforma. Somos a transparência cega da linguagem, *arbitrária, convencional*, gerada da sociabilização. Podemos, de um lado, *figurar* tudo o que, por sua forma ou natureza, em certas situações, toma o lugar de algo abstrato que tenha valor evocativo, de desejo, mágico ou místico e, de outro lado, estamos submetidos a estas figurações apresentadas pela linguagem que nos dá o entorno da visão-histórica-possível-do-mundo. Isso é evidente na impossibilidade de nos imaginarmos sem linguagem ou de nos lembrarmos de quando não éramos donos da linguagem.

Característica destes objetos científicos ativos – modelos e outros – é a reaplicação a outros fatos buscando respostas aproximativas a questões postas. A observação da idade geológica da terra através das camadas - modelo geológico - de depósito de rochas, reaplicada aos animais, levou à conclusão semelhante – somos feitos em camadas, mas nem só delas. Este modelo permanece desde o Mito da Caverna, no qual somos sombras no mundo sublunar, às estruturas e superestruturas, ao consciente, pré-consciente e inconsciente e à estrutura superficial e profunda - o modelo da camada de cebola, arqueológico. São processos criativos desencadeados *necessariamente* pela *presença* do objeto a ser modelizado.

Usamos inúmeros modelos inanimados ao dar conta do humano, que sentimos quase como dados transparentes: desde o arco-reflexo – anatômico - com as nuances do aparelho que tende a ficar com o nível adequado de energia – econômico - associacionista das afasias (representação de

palavra e coisa), todos eles são adequados à neurofisiologia de cada época, depois os modelos da primeira e o da segunda tópica, recentemente remodelizados pela neuropsicanálise, o modelo moral *bom e mau* e, este agora em uso, o do aparelho que conhece o mundo, o objeto e o sujeito e o próprio aparelho, especulando o próprio processo de modelizar e conhecer. Somos mais bem sucedidos quando o objeto é inanimado – física. Quando os modelos têm de dar conta de algo que cresce e se desenvolve – biologia - já é um grande problema. Quando há sistemas autoregulatórios como a auto e aloconsciência – psicologia – estamos bem problematizados e corremos o risco de tornar o objeto de animado em inanimado e de continuarmos argumentando que estudamos a vida.

E o quanto criticamos – no sentido de Kant, em que a capacidade crítica se traciona com a dogmática – estes modelos? De jeito a saber como o objeto marcou o sujeito e como o sujeito – histórico, pessoal, vivido - limitou o objeto? Na verdade, o modelo em uso – *gerado pelo uso, no uso* - deveria ele mesmo ser tratado como memória encobridora, isto é, não deveria fazer mais do que tornar visível algo como um *ver-sentir*.

A própria idéia de *história* impõe o tempo e a necessidade de uma origem para tudo, quando talvez fosse melhor pensar o *mito* das origens – da pessoa, do corpo, dos casais, do instituído e do social - como se alguma amarra com o que chamamos *passado* nos liberasse de amarras no *futuro* ou da aguda experiência do novo, de que só temos um tempo: o *presente*. Trata-se, em parte das vezes, de *construir, criar visibilidade*, por isto estamos às voltas com modelos. Depois temos de criticar as visibilidades, contrastando-as com outras. Contrastar a visibilidade do modelo (aparelho) psíquico de Freud - que recusa todo aumento de energia e esfria, silenciando - , contido na expressão *pulsão de morte*, com o corpar da teoria kleiniana, a concretude do mundo interno; o cheiro e a geografia do corpo materno; a noção de espaços mentais; a raiva, o sadismo, o ódio, a inveja, a culpa, a reparação como afetos centrais na descrição, na notação, em que o sadismo e depois a inveja, acabam valendo pela *pulsão de morte*. Veja-se a distância entre estes dois modelos – um bem próximo de uma grande teoria, um aparelho energético em Freud, outro, em Klein, quase colado à coisa mesma, visível. Um modelo que se aproxima da teoria, pára a coisa e cria uma estrutura, outro, ativo, em oscilações rápidas, expandindo ao infinito e encolhendo até o númeno, espectral, quantitativo, quântico, imprevisível, incerto, sem começo nem fim. É claro que *fenômenos* importantes como a visão de mundo (realidade) e a transferência (sonho vincular) necessitarão *olhos intelectuais* diferentes, conforme o modelo em uso, embora o desejável seja a dúvida que leva à multiocularidade. O termo *transferência* preso ao conceito de estrutura deve ser refeito para o segundo modelo, no qual se preserva algo da estrutura, mas se acrescenta o dinamismo criativo não quantificável da emoção, talvez *transiência*.

Sempre que estamos diante de uma personalidade – pode ser a nossa mesma, até onde ela nos seja visível – assim como quando estamos com os olhos-no-mundo, nossa mente deflete – reflete de modo distorcido por suas próprias medidas - o mundo, a personalidade, em sistemas que podemos chamar *palavras-modelo* como *emoção, ciência e mito-místico-estético*. Uma pessoa nos lembra outras, o encontro, outros encontros e somos capazes de contar uma *história*. Sempre *sentimos* algo diante de alguém, de um objeto e abstraímos conhecimento dos encontros, fazemos afirmações que chamamos de *científicas*, caso sejam submetidas a regras consensuais. Afirmar algo como ‘*credo, como está irritada, parece uma borboleta que exige sempre ser elogiada a qualquer custo*’ leva-nos a algo que foi construído dentro do vínculo, em um modelo que quase toca o objeto, mas se descola o suficiente dele. No outro extremo da complexidade da abstração, o modelo *reflete* inúmeros sistemas teóricos. No *ver-sentir*, próximo às personalidades do encontro, uma demanda admiração que poderia remeter, na abstração longínqua, à teoria da transferência gemelar, considerada as emoções em si. Em outra ponta, no extremo da figurabilidade teórica, estão as invariantes da teoria da castração anunciadas pela cabeça de Medusa ou a história da Mulher de Ló, uma mulher que nem nome teve, dimensão *mítica* desse objeto chamado personalidade ou, se quisermos, objeto psicanalítico. Esta é a tarefa: construir modelos com estas três dimensões – mítico-estética; emotiva; científica - e depois criticá-los e construir outros modelos. Mas como objetivar o subjetivo se ele, o subjetivo, sujeito, assim como o objeto, é um suposto do próprio

processo de conhecimento? Usando um espelho, especulando e refletindo. É bem verdade que o fato selecionado – a eleição de algo que tenha passado pelo crivo de regras consensuais, sociabilização - para estas questões não é coisa simples. Mais frequentemente o problema é menos a crítica e mais a dogmática, o corpo de convicções que melhor seriam nomeadas como modelos hipervalorados.

Convidamos o leitor, então, a reparar como os textos desta edição foram modelizados; a refletir sobre o *númeno* e sobre o *fenômeno* que os gerou; a buscar os vestígios, índices, resíduos de notações que nascem, necessariamente, da percepção da figurabilidade do todo: como *idéias-ações*, *figurações-movimentos*, estão em vários lugares da cultura ou mudaram de lugar, da cultura para o sujeito, do sujeito para cultura, da filosofia para a psicanálise e, mais recentemente, da psicanálise para a filosofia. Encontraremos a busca de interfaces entre os modelos psicológico e biológico para aliviar o sofrimento; a busca de um modelo que implique em um lugar para a mente, intra, inter e trans em que interfaces figuram, signam cada qual com suas especificidades. Adiante, o mito e seu processo de historicização do humano e da constituição da mente, sempre com estrutura notacional mítica pelo horror ao *númeno*, ao presente perpétuo. De novo, vemos a tentativa de modelizar, através da rede mítica, o encontro dos casais, o lugar do terceiro e os desencontros. Outro modelo que, agora, abandona a figurabilidade e usa a nomenclatura de modo frágil para dizer de uma influência que opera sobre nós, o amar, como alimentá-lo, como consumi-lo, de modo que não se esvaia; aí é nítida a insuficiência entre um dizer científico e um dizer – modelo - poético-mítico, este sim efetivo. Temos o uso claro de um mito que nos encanta, enquanto crianças, sendo usado para conter, apreender e devanear: Shreck, Peter Pan e Cinderela, modelos presos por alguma corda também numa teoria estética, elaboração da emoção crua do modelo anterior sobre o amar. Fica implícito o papel organizador social do mito, indicando lugares de subjetivação. Convidamos o leitor a encontrar Anamburucu (*nanã buruquê, nanã, nanamburucu*) no Candomblé que origina *sozinha* a todos os orixás. Trata-se de uma divindade iorubana (sudanês da África Ocidental) que vive num poço – buraco - e é considerada a mais velha das mães-d'água. Sem ela nada se cria nem se transforma.

Às vezes o texto é superficialmente ordenado e explícito no dito, sem profundidade e expressa – embora aparentemente não esteja expressando - como o modelo tenta apreender o fanatismo, um bloco de convicções, em que só há lugar para um repetir bíblico com mortes de mãe e orfandade e a necessidade de algum acesso à posição depressiva para que se consiga alguma fluência mítica. Depois, mais um trabalho que, ao capturar o humano, aponta para um modelo que diz que estamos além das palavras, só ocasionalmente moramos nelas: *entre as muitas histórias contadas por Drummond, destaca-se o fragmento de um carteiro conversador. Este, depois que o destinatário da pesada carga de pacotes e mais pacotes de livros confessou-lhe que não era preciso ler tudo aquilo, perguntou, admirado: “-Então o senhor guarda sem ler? E como é que sabe o que tem no miolo?” (Drummond, 1963, .p63)*. Se os poetas falam, precisam falar, como fazer um modelo de um silêncio que cala e de um silêncio que fala? De um silêncio que cria e de um silêncio que destrói?

Boa leitura, desejando muitas metáforas, metonímias, figurações e remodelagens!

Juliano Fontanari